

“MEXER COM CORES É MEXER COM VIDAS”: ENTREVISTA COM A ARTISTA PLÁSTICA HELENA VASCONCELOS

Entrevistadores:

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)

ricardo.goncalves@ueg.br

Eguimar Felício Chaveiro

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)

eguimar@hotmail.com

O pintor ou a pintora, com o pincel na mão, as tintas a disposição e a tela no cavalete, não dista muito do escritor ou da escritora que, com a caneta nas mãos - e com o papel estendido sobre a mesa - quer produzir imagem. Para o pintor ou a pintora poder-se-ia perguntar: o que seria de nós, João, Maria, Ataíde, Clementina, Luzia... sem as cores? O que seria de nós sem as cores?

Um mundo incolor seria um mundo sem nexos e sem movimento. Uma cinza sideral cobriria tudo e não haveria diferenças, paisagens, sinuosidades. Todavia, há cores no mundo, assim como há o movimento e as formas. Talvez os deuses tomam as mãos humanas e fazem milagres pictóricos, assim são, por exemplo, as paisagens do Cerrado; e talvez os seres humanos, com suas mãos, fazem milagres pictóricos. Tanto o escritor ou a escritora quanto o pintor ou a pintora, assim como José, Maria, Clementina... estão na dança do firmamento, e, por isso, são personagens do grande balé telúrico no qual ocorre o fluxo das coisas vivas.

É com essa perspectiva que nos juntamos para entrar no mundo de cores, de formas, luzes e movimentos de Helena Vasconcelos.

Gostaríamos, inicialmente, que você falasse um pouco de sua história: onde você nasceu e como foi a sua infância? Que elementos da memória afetiva e das experiências de infância compõem em sua obra?

Eu sou mineira de Uberaba, Minas Gerais, nasci nesta cidade em 1949. Minha mãe é filha de fazendeiro e meu pai foi bancário. Para eles se casarem foi difícil, mas conseguiram e constituíram uma vida em comum muito digna, muito bonita. Meu pai era considerado pobre e minha mãe rica. Ela estava prometida para outro pretendente. Ela superou tudo e casou com ele, foi uma coisa que para nós deu uma dignidade grande, pois soubemos enfrentar o que ocorreu.

Nós íamos à fazenda de meu avô, especialmente nos momentos de festividades. Então, muito de minha obra possui elementos da memória afetiva. Aqui em Goiás eu encontrei muitos subsídios temáticos. Desde pequena via folias de reis. Meus avós davam posos aos foliões, recebiam os foliões com frequência. Ademais, eles dançavam catira. Nas festas as filhas mulheres iam para a fazenda ajudar. A mamãe, em especial, ia para a fazenda, pois era ela quem matava os perus, ajudava na organização das festividades locais. Consequentemente, a netaiada ia também; meus tios iam para recebermos as folias. Recebíamos antes do dia 06 de janeiro, até essa data passavam pela fazenda duas ou três folias de reis. Assim, enquanto não estava na fazenda de meu avô, eu estava em outras vizinhanças participando das festividades religiosas. Isso era de encantamento muito grande, via aquilo e achava maravilhoso. Então, tenho uma paixão muito grande por estandartes de folias. Fiz alguns estandartes de folia; sempre gostei de fazê-los e de tê-los em casa.

As folias de reis tinham tradição na cidade e continua tendo. Uberaba é uma cidade de muitas folias de reis catalogadas.

Uberaba tinha ainda uma tradição muito grande de congadas. As congadas eram impressionantes. Todo mês de maio as danças de congos ocorriam praticamente nas semanas inteiras. Desciam alguns ternos pelas ruas, pelo bairro em que morávamos.



Imagem 1. Quadro *Folia do Divino de Pilar de Goiás*, de Helena Vasconcelos.

Então, toda minha vida fui acostumada a ver essas expressões culturais, a senti-las no meu cotidiano. Logo, tive uma infância que hoje os meninos não possuem; brincava muito na rua, ia para a roça e aquilo era uma maravilha. Desse modo, tudo isso tem uma presença forte para mim, sim. Vivi em Uberaba até me casar. Deixei de dar aulas em duas instituições de ensino e vim embora acreditando que aqui daria prosseguimento, mas não foi possível. Acabei tornando-me uma artista, embora tarde, deu certo.

Fiz uma faculdade que eu gostava, me formei em História pela Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (FISTA), atual Universidade de Uberaba (UNIUBE); e especialização em História da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Na realidade sonhava em cursar Sociologia Política em Belo Horizonte, mas papai não me permitiu sair, pois eu era mais velha e ele me segurou em Uberaba. Todavia, foi muito bom também, pois comecei a trabalhar em escola com 16 anos. Quando eu vejo esse povo sofrido eu lembro muito daquele povo que estudava à noite, tudo isso tem uma influência grande na vida da gente. Eu e o Ezio, meu companheiro, começamos a trabalhar cedo, fomos professores por muitos anos. Então, temos essa bagagem de vivência no interior.

Como você descobriu a sua predileção pela arte, especificamente pela pintura? Como se deu a descoberta e, a partir dela, nos diga sobre a sua dedicação à pintura.

Toda vida fui e sou muito curiosa. Minha mãe, quando meu avô a tirou da escola para ficar na roça, aprendeu a costurar e a bordar. Ela tinha aquelas revistas com desenhos pelas quais aprendia. E mesmo depois dela casada, continuou costurando. Ela não gostava de costurar para mulheres, costurava apenas para nós três, as filhas mulheres; e as camisas para os irmãos dela e para o papai. Tudo na casa dela era muito arrumado; os forros de mesa tinham barras de *crochet* e bordados, pois bordava muito bem. Depois de uma determinada época, ela começou a pintar com moldes vazados. Ela fazia os desenhos e eu ficava olhando curiosa pedindo para pintar junto dela. Mas, eu estava estudando outra coisa. Aquelas pinturas já davam para ter uma noção que eu gostava daquela arte. Eu sugeria a Ela a inclusão de outras cores.

Naquela época toda moça cursava normal, e do normal ia para a faculdade. Eu não pude sair, não tinha aptidão nenhuma para ciência exata. Meu negócio era ciências humanas. Eu queria fazer realmente o que fiz. E daí me especializei em História da Arte exatamente por gostar muito de arte. E comecei achar que um caminho que seguiria sempre, pois dava aula de história da arte, seria arte sacra, a barroca; mas, não aprofundi.

Aqui em Goiânia não foi possível trabalhar; aí eu comecei a aprender algumas coisas, aprendi um tricô, aprendi um croché, aprendi a bordar. Quando eu fiz meu primeiro tapete de tricô o papai queria colocá-lo na moldura, pois não acreditava. Essa não era minha aptidão.

Por consequência, depois que os meninos meus filhos ficaram mais velhos e me mudei para este apartamento, onde moro, eu quis colocar alguns tapetes. Mas, era tudo muito igual e muito caro para comprar, especialmente os tapetes riscados. Então, eu me atrevi a riscar os tapetes, a fazer os tapetes do jeito que almejada. Com isso, acabei até dando curso de tapeçaria aqui em casa durante alguns anos. Nisso, o Ezio, meu marido, me sugeriu pintar, a fazer um curso. Na época tinham cursos aqui em Goiânia; tinha, inclusive, um curso com Adelmo Café. Então, eu pensava: “uma hora vou conversar com ele, pensar na possibilidade de fazer um curso”. Tinha também um curso com a Cléa Costa. Um filho me incentivou a fazer o curso com Ela e eu fui. Mas, eu e a Cléa não combinamos em termos de estilo. Foram três aulas, era tipo uma oficina, mas ela queria

que eu fizesse um desenho certinho, bonitinho. Um dia disse a Ela que não sou desenhista, os desenhos que fiz foram no primário e olhe lá. Por fim, larguei o curso.

Com efeito, depois disso comecei a fazer algumas coisas em casa mesmo. Andei fazendo outras oficinas, mas deixei logo, pois todos queriam que fizesse desenhos bonitinhos, certinhos, geometrizados. Iniciei as pinturas, comprei tintas a óleo e isso começou até a me fazer mal.

Certo dia a própria Cléa Costa me ligou convidando para realizarmos uma oficina com M. Cavalcanti. E foi lá que eu fiz a tela *Serra de Caldas*, que considerei maravilhosa. Meu propósito era não parecer com ninguém, queria ser eu mesma. Por consequência, sai do curso completamente para soltar a mão, fazer o que quisesse na tela. Diante disso, a tela *Serra de Caldas* foi muito importante, pois a considero um chute inicial na construção de um estilo próprio.

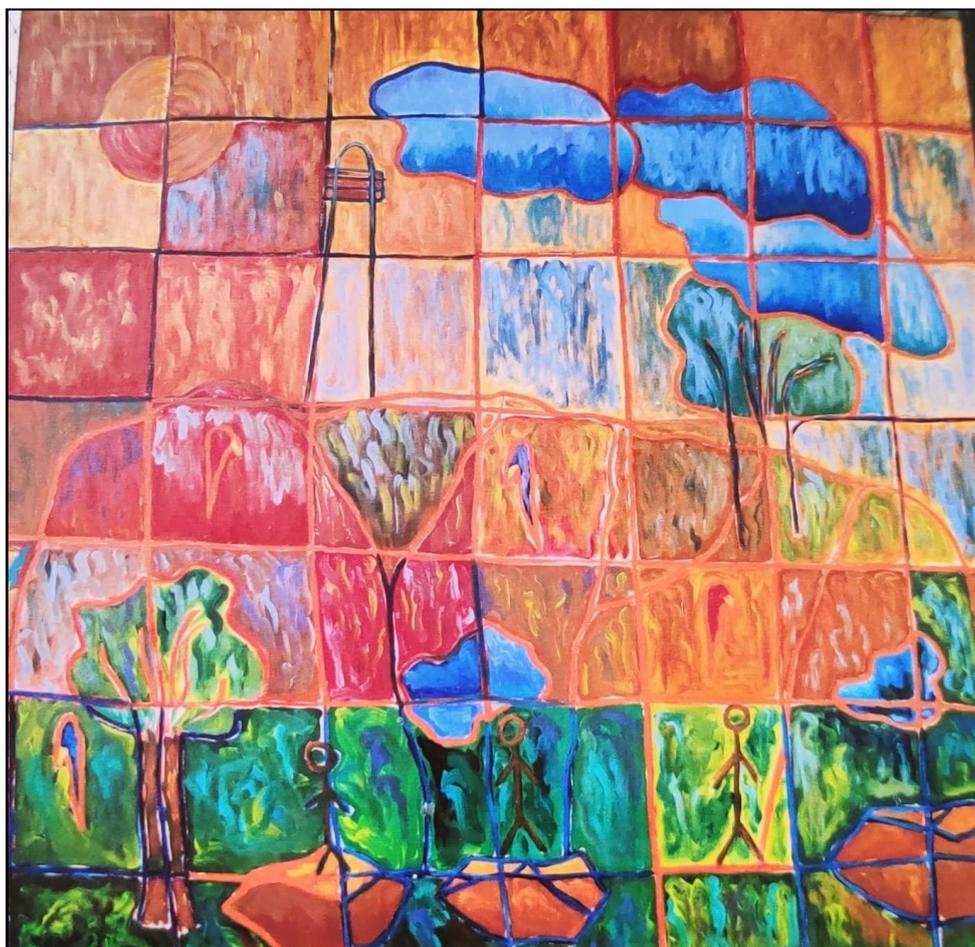


Imagem 2. Quadro *Serra de Caldas*, de Helena Vasconcelos.

O Ezio me dizia: você gosta tanto de colorido, gosta tanto de festas, faz folclore, você gosta. Então comecei a andar. E eu tive uma coisa em Goiânia que foi muito importante. Quando chegamos aqui fui morar na rua 7. Não tínhamos carro nem nada, mas também naquela época realizávamos aqueles passeios enormes. Então, fui com minha vizinha conhecer a Feira Hippie na Avenida Goiás. E nós subimos, fomos pela Rua 4 e ao chegarmos na Goiás fomos subindo, subindo... Quando cheguei ao Coreto na Praça Cívica tinha um encontro de Folias de Reis. Aquilo me balançou, mas me balançou mesmo; tanto que fiquei emocionada. Atrás tinham uns estandartes e tinham foliões embaixo, cantorias e aquelas coisas. Minha amiga falava assim: não, bom é forró, bom mesmo é forró. Mas, eu insistia em permanecer ali, observando aquelas cantorias, cores e expressões de nossa cultura profunda.

Esse acontecimento foi forte para mim. Por conseguinte, comecei a pesquisar, a ver, a aprofundar melhor o conhecimento sobre as folias. Antes de começar a pintar folias eu tive contato com o professor Jadir, ganhei dele um livro e comecei a ver outros livros da história de Goiás. Então, principiei a procurar o que queria fazer. Nisto, fomos para Goiás Velho (Cidade de Goiás) somente para conhecer a Procissão do Fogaréu, que é a coisa mais linda que já tinha visto. Aquilo me empolgou, empolgou tanto que ganhei um prêmio com um quadro da Procissão do Fogaréu. Mas, foi um negócio muito, muito profundo.

Por consequência, comecei a ir em outras cidades onde tinham folias e cavalhadas. Com essas experiências encontrei muitas pessoas boas que abriram as portas para mim, tanto que em 2010 fiz uma exposição em Goiânia chamada “Senhoras das Cores”. Nesta exposição nós trouxemos roupas dos Cavalheiros de Corumbá de Goiás (GO), de palhaços das folias e dos mascarados; e fiz uma tela chamada “Encontro de Folias”.



Imagem 3. Quadro *Encontro de Folias*, de Helena Vasconcelos.

Hoje não se liga muito para folclores, pois o que querem hoje são obras de épocas, obras de momentos. Eu não faço, eu fiz as do Bernardo Élis, pois realmente eu adoro cultura popular e ele traz uma coisa que eu estudei e que sempre senti apreço pela literatura regional. Não fui selecionada na Bienal, pois fui uma das poucas artistas que não fez pinturas de contextos. Não consigo fazer pinturas de momento. Você viu o problema da Nhola dos Anjos e a Cheia do Corumbá, eu fui com a tela até no momento, e no momento x eu larguei, não dei conta. Então é isso: a emotividade da gente é um elemento importante em cada quadro que faço.

Então, para mim vem tudo isso, aproveitei os momentos das festas como fontes de inspiração. Para se ter ideia o quanto gosto de folias de reis, aqui em casa tenho quatro toalhas de folias de reis. Então é isso, e para começar as pinturas foi assim a inspiração divina mesmo e a vontade de fazer alguma coisa de raízes.

Eu até penso que um dia possamos levar as obras do Bernardo Élis e mostrar em escolas de municípios no interior de Goiás. Temos que fortalecer esse tipo de divulgação cultural. Comecei a ser chamada para as escolas e com essas experiências pude perceber uma coisa muito triste, o que é também algo comum no Brasil: o nosso povo não lê, não lê mesmo. Levo as telas até as escolas, mostro, conto, dialogamos sobre cultura popular, mas o conhecimento sobre isso é ainda pouco. Aqui em Goiás a pessoa que eles mais conhecem, e acredito que seja pelo folclore e o trabalho das professoras, é o Bariani Ortencio. As professoras adoram o trabalho do Bariani, ele recebe estudantes em percursos culturais no seu Instituto.

Nos quadros que faço sempre almejo uma coisa minha, algo que a pessoa chegue, olhe e diga: “- nossa, esta obra é da Helena”. Isso para mim é gratificante, como é tão gratificante ser convidada para ilustrar livros, revistas e demais publicações nas universidades. Isso é a maior gratificação, pois tem gente que diz olha vendeu, vai vender... mas, para mim o importante é este reconhecimento.

Eu também tenho uma força muito grande que é o Ezio; ele é fantástico, é um grande incentivador que me ajuda e apoia; inclusive, se eu não posso comprar material, Ele arruma para mim, me motiva sempre. O material que uso é sempre muito caro, esta lona que uso é lona naval, ela é mais cara do que as outras; eu quero um chassi de madeira melhor. Dou prioridade aos materiais de qualidade para realizar minhas obras, veja um exemplo: a tela Rio Araguaia tem 17 anos e está inteira, em perfeito estado de conservação. Quem faz tela para mim é o mesmo de sempre, pago mais caro, mas tenho a garantia de um bom serviço e que garante também a qualidade do meu trabalho. Do mesmo modo as tintas, não pinto com tintas baratas, pois o resultado do trabalho não é o mesmo, não é um trabalho bom. Então, sou meio exigente comigo para apresentar uma coisa boa.

E sobre o projeto artístico específico inspirado na obra do Bernardo Élis, quais foram os desafios que você teve para representar em cores e formas aquilo que em Bernardo Élis está na palavra, está na narrativa em prosa? Fale do encontro entre cor, forma e palavra.

Este, de fato, foi o maior desafio para mim. Quando eu comecei a ler... o primeiro livro que li de Bernardo Élis foi “A terra e as carabinas” há muito tempo; depois li “O tronco” e sempre achava que literatura é o que eu gosto; e essa literatura é coisa de vivência da gente, toca em elementos que faziam parte de meu mundo de infância. Na fazenda de meu avô, por exemplo, minha mãe dizia que não existia escravos; mas, tinha gente lá que trabalhava e que deve ter saído da escravidão e ali ficou. Então, eu via tudo isso, e o tratamento não era o mesmo, era peão, agregado, meeiro... então, fica para lá, nos cantos. Todos esses contatos que tive são importantes e constituem matéria para o meu trabalho artístico.

Agora, a obra de Bernardo Élis me desafiou, me desafiou assim porque quando eu fiz *Chica Machado*, quando eu fiz *O Pagador de promessas*... eu encontrei cor rápido ali, mas no Bernardo Élis cada um que eu fazia eu falava “meu deus do céu!”, como eu vou

colocar ali uma cor. Aí, a descrição era: as roupas da Joana, por exemplo, personagem do conto “A Virgem Santíssima no quarto de Joana”, era resto, velha, roupa usada da patroa da mulher do coronel, nestas eu podia colocar cor. Mas, e o povo? Pensei assim: na época não eram calças jeans ou calças com cores vivas, mas deviam ser calças com cores azul e marrom; então comecei a me jogar na tela; “eu não quis ser madame, eu virei a personagem Joana, mas a Joana revoltada”. Só que a Joana era pacífica, coitada, como todos eles. E aí vieram os outros personagens, aquele povo todo rasgado. Por exemplo, o Piano, do conto “A enxada”. O Piano era feio, maltrapilho, roupa rasgada, suja, mas tinha que achar um jeito de mudar as cores. Depois me deparei com o Totinha, personagem do conto “A moagem”, mesma coisa.

“Sua alma, sua palma”, me deu um pouco mais de colorido, pois tem as meninas no garimpo; e as prostitutas normalmente eram muito coloridas. Então começava a pensar: o pessoal chegava para ir realmente ao garimpo, mas eles não chegavam sem roupa, não chegavam nos garimpos com roupas rasgadas. Chegavam meio derrubados pela miséria de tudo aquilo, mas devia ter cor.

Agora, o André, da novela “André Louco”, como foi difícil, muito difícil. E a gente vê que era um povo sofrido, mas eu tentei e achei, pois a história dele é comovente e o que eu mais gosto no Bernardo Élis, o que eu admiro, é que ele começa o conto, ele começa do fim da história. E aí é que ele vem. Aquela sombra é um negócio tão doido; como no momento em que os cachorros começam a latir. A Joana que não é a mesma do conto “A Virgem Santíssima no quarto de Joana”, mas é Joana também, começa a olhar e a falar para os meninos, e os meninos querendo subir na janela para ver o André Louco e todo aquele desenrolar de acontecimentos narrados. Então, eu começava a adentrar mais e eu não sei se passei pela mãe do André, pela mulher do João que sofria tanto; os nomes vou esquecendo, são muitos. Mas, fui tentando achar um caminho, pois realmente dói no coração da gente, dói, às vezes temos raiva, não do Bernardo Élis, claro, mas do personagem, aquele Dede, por exemplo, do conto Joana, coitado, eu sofri muito pela situação de mulher de Joana. O Piano também, com a Eulália, ela sofreu muito, pois eu acho que ele era o corpo, e ela era a cabeça, pois ela ficava preocupada, tentando organizar as coisas. Eu até queria fazer aquela última cena do conto, dela fugindo nas costas do filho deficiente. E se der, quando chegar, quero fazer a cena final.

Então, pintar estes quadros, a partir da obra de Bernardo Élis, realmente me tirou da zona de conforto. Eu interpretei essas obras que são tristes e despertam revoltas; eu começava a viver aquela época, sentir aquelas situações de exploração e sofrimento. Eu tenho isso, estava sozinha, pintando e aí ia entrando, entrando naquele mundo mágico e real do sertão. Às vezes eu até voltava e pegava o livro, relia para conferir se não era coisa minha, coisas do excesso de minha imaginação. Foi uma experiência incrível, eu gostei muito e almejo, no próximo ano, se Deus quiser, fazer a pintura de “O Tronco”. Tem o conto Rosa, tem muita coisa.

Diante do que você ponderou referente as sensações que experimentou ao pintar os quadros inspirados na obra de Bernardo Élis, vale alongarmos o diálogo. Ler contos como “A enxada”, “A moagem” ou “A Virgem Santíssima no quarto de Joana”, nos despertam revolta, raiva, tristeza, inquietação diante de tanto sofrimento, de tanta maldade e injustiça praticadas por coronéis, pelos latifundiários, enfim, pelos poderosos contra este povo oprimido e pobre do sertão. E você, como se sentiu ao transformar estas narrativas em quadros com tantas cores?

No caso de “Sua alma, sua palma”, sei que era uma necessidade destes trabalhadores irem para o garimpo e eles tinham que enfrentar todos os perigos deste ambiente inclemente, mas o maior perigo mesmo era o explorador. Então, isso é uma coisa que vem, o garimpo trazia muita tristeza, pois tinha sempre o explorador, o atravessador. Era um ambiente de exploração que o Bernardo Élis soube explorar em sua narrativa neste conto. E ao pintá-lo, todo aquele ambiente inclemente, de violência, dureza e sofrimento rondam minha imaginação, ia para a ponta dos pincéis. No caso da Joana, do conto “A Virgem Santíssima no quarto de Joana”, coitada, pegaram ela menina para ser explorada em casa de coronel. Então, coitada, sentimos aquela repulsa por tudo aquilo.

Eu, por exemplo, que cursei história, vi tudo isso em Nelson Werneck Sodré, vi tudo isso com Gilberto Freyre, e fora os outros livros que li de Octavio Ianni, e essa parte de economia. A gente passa a se inteirar da vida do país, de como foi o passado e ficou muito ainda deste país desigual. Então é difícil interpretar, não foi fácil. Mas, eu pensava na Quinzena Bernardo Élis, eu pensava no incentivo de vocês, eu pensava no Instituto Bernardo Élis, então eu pensava “não vou fazer uma coisa triste, não vou pintar algo cinza”; quando você viu a tela “A moagem” e você encantou com o céu; para mim já compensou, pois eu consegui levar um pouco de emoção. Aquele conto é barra pesada, muito sofrimento, o cara chutando o paiol com veemência e raiva para ver se o Totinha

saia; a descrição das casas precárias dos peões, aquela coisa precária, miserável e sofrida. A mulher do Totinha querendo sair da fazenda, aquele sofrimento todo. E acabaram saindo. O Totinha não podia sair pois estava endividado, tinha que pagar a dívida; mas, assim que seu braço foi esmagado teve que sair. Como trabalhar com o braço esgarçado?

Ler os contos, inspirar-se neles e procurar transformar o sentimento de raiva, de angústia em cores e, ao mesmo tempo, usar cores vivas para também dar um toque de emoção nos quadros, é o que almejei fazer. Havia momentos que pensava existir um certo exagero nas narrativas, mas voltava ao conto, lia, relia e percebia que não tinha exagero não, era assim e continua sendo. Você pode ver as próprias trabalhadoras domésticas, muitas migrantes, pobres e negras, veja o que elas passam nas casas dos patrões. Esse mundo de exploração narrado por Bernardo Élis não é tudo coisa do passado, ele existe, está aí nos vãos do mundo.

Você falou um pouco do que fez ao pintar as obras de Bernardo Élis, falou também de suas viagens pelo interior de Goiás quando iniciou seu trabalho artístico. Queremos saber: isso é comum, você sempre lê, viaja, entrevista e fotografa? Como é o trabalho que antecede a pintura de um quadro?

Sim, sabe o que acontece, se eu não pesquisar posso cometer erros, tem coisas que eu não posso fugir das minhas características. Como é que eu vou fazer uma cavalhada sem ver uma cavalhada; ou só porque eu vi pessoas que pintou, pois aqui em Goiânia há uma pessoa que pintou os Farricocos da Procissão do Fogaréu que ocorre na Cidade de Goiás, depois que viu os meus quadros. E ela falou que achou tão bonito e eu disse: “eu fui lá, presenciei esta expressão cultural”; e ela falou: “você foi? Eu morro de vontade de ir”. Entendeu? Então, acho que temos que buscar sim, conhecer as coisas como elas são e onde elas ocorrem. Por exemplo, se vou pintar uma Congada, isso requer de mim saber bem o que eles vestem e a maneira como eles fazem. Eu não posso sair inventando nada, não posso. Os ternos existem e fazemos tudo com o maior respeito. Então, eu tive que estudar principalmente as Congadas de Catalão. Quanto as Congadas aqui de Goiânia eu fiz uma busca muito grande. Eles têm até uma igreja na Vila João Vaz, eu fui lá, fui não só uma vez, fui e acompanhei com eles as congadas. eu gosto disso, então não pinto por pintar. Não, eu vou pintar uma congada, mas se eu não souber sobre ela, não vai sair nada. Tenho que prestar atenção no mínimo detalhe. Eu fotografo tudo, eu sou do tempo que fotografava e mandava revelar. Dessa maneira, acho essas experiências importantes, pois

me dão a oportunidade de ver detalhes. No entanto, nas cores escolhidas para pintar os personagens de Bernardo Élis foi tudo inventado. No caso das lavadeiras procurei dar um toque mais alegre, pois coitadas, trabalhavam naquela dificuldade, com roupas velhas, rasgadas, e eu coloquei um pouco de cor para dar certo tom de alegria.

Podemos dizer que há pouco do poético nisto aí, era muita exploração, igual a essas mulheres que lavavam roupas para sustentar as famílias. Para manter uma família às vezes o dinheiro não dava, pois devia ser muito minguado, quem pagava não dava dinheiro assim. O peão geralmente chegava ao fim do mês devendo mais do que para o patrão do que recebeu. Toda vida era assim, uma vida de exploração. A cadernetinha do patrão ali, oprimindo, multiplicando números, multiplicando as injustiças neste endividamento dos peões das fazendas. Eles ficavam presos, era uma escravidão de outra maneira, não era aquela escravidão enjaulada, era uma jaula aberta, mas os trabalhadores ficavam presos.

Então, eu gosto de ir atrás, pesquisar melhor, gosto de ver, fotografar; gosto de escutar histórias. Eu converso muito com o povo, faço amizade, vou em suas comunidades. Uma vez fui atrás das fiandeiras lá em Bela Vista e passando por uma rua indo atrás de uma delas encontramos uma folia de reis na rua. Mas, não era época de folias. E nós paramos o carro e fomos lá ver, eu fiquei surpresa. Acredita que era uma Folia de Nossa Senhora de Aparecida? Entramos na casa, conversamos, a devoção é grande e fui na cozinha, eles montam uma cozinha na área, aqueles panelões com tanta fartura.

Uma vez chegamos em uma festa e veio um senhor dizendo: - “Dona Helena, a nossa rainha”. Daí o dono da casa perguntou de onde ele me conhecia e então descobrimos que a pessoa era vigia de um supermercado e eu o conhecia, ele era meu amigo da folia de reis. Ele veio na maior festa comigo, quando eu reconheci eu achei tão bom. Não tem nada melhor do que conhecer, conversar, ir com eles.

Eu espero que daqui para frente, quando for possível eu continue indo nas festas, nas folias de reis, nas congadas, nos lugares onde estas expressões culturais ocorrem. Uma vez fui em Santo Antônio e a saída dessa saída foi maravilhosa; fiquei na curiosidade de aguardá-los chegar, esperar os palhaços acharem o dinheiro nos arcos, e depois irmos ver a cozinha. Essa cozinha da folia de Santo Antônio era uma loucura, eu tinha que fazer uma obra mostrando aquela cozinha, era cada tacho, aqueles abertos e profundos para

fazer galinhada, feijão. Ali eles mostravam a fartura. É gente muito simples, muito simples, mas eles unem e fazem aquela festa maravilhosa, eu adoro.

A Congada de Goiânia eu fui duas vezes antes deles saírem e uma outra vez no giro. Era uma congada pequena e depois cresceu. Nós chegamos lá e olha, a festa que fizeram para mim, aquela cozinha daquele tamanho, nos convidando para ficar, almoçar. A gente não dava conta de acompanhar tudo. Mas eu vejo, fui sabendo de onde eram e a maior parte deles eram de Catalão e vieram para Goiânia e trouxeram a Congada. Era tão simples, mas eles mantinham as cores e fizeram os uniformes.

Eu hoje não gosto muito de fazer quadros de folias de reis assim por encomenda, pois as folias hoje são todas uniformizadas. Iguais aos Carreiros de Trindade, antigamente eles vinham com a roupa deles, hoje vem tudo uniformizados, eu não me conformo. É igual a folia de reis, eu fiz uma folia de reis na qual todo mundo é representado de camisa amarela, mas eles achavam que era melhor para identificar o pessoal. A do Seu Adão era todo mundo de camisa azul; a folia do Jadir Pessoa ninguém tem uniforme, é uma folia linda, não aceitam mulher e nem palhaços, só artistas. Então assim, eu gosto, me envolvo.



Imagem 4. Quadro *Folia do Jadir*, de Helena Vasconcelos.

E o Cerrado, Helena, como o Cerrado comparece em sua obra?

Todo o meu trabalho permeia o território do Cerrado. Eu fiz o quadro Araguaia que representa diretamente o tema Cerrado. O Cerrado sempre entrou e esteve presente na minha vida. O Triângulo Mineiro não é totalmente Cerrado, mas na pontinha dele já deparamos com as paisagens do Cerrado. Quando entramos em Goiás as fitofissionamias do Cerrado começam a se destacar. E viemos para Goiânia há mais de 40 anos. Naquela época, nas primeiras viagens, era uma vegetação muito diferente, muito bonita, aquelas arvores todas tortas, às vezes eu via um tronco caído e já via alguma coisa nele. Quando eu vi os primeiros pés de pequi eu fiquei doida. Então, ultimamente, o Cerrado quase não

entrou em minha obra como eu fiz na *Serra de Caldas*, como eu fiz no *Araguaia*, como eu fiz até no *Parque Vaca Brava*, no qual eu usei um pouco do Cerrado.



Imagem 5. Quadro *Araguaia*, de Helena Vasconcelos.

O Cerrado é uma preocupação constante da gente, pois é o nosso bioma. Quando chegamos aqui em Goiás, nas estradas de Minas até Goiânia eram paisagens exuberantes que agora não existem mais, foram serradas, desmatadas, substituídas por lavouras de soja e cana. Eu fico até em dúvida, será que este é o preço do progresso? Não sei! Com o passar dos anos as coisas começaram a mudar, e aí eu tenho que fazer só coisas de minha lembrança; eu não vou pintar uma plantação de soja, única plantação que eu faço é a de algodão, pois essa realmente bateu com minha chegada a Goiás, com minhas memórias de infância em Uberaba. Todavia, plantação de soja, plantação de cana, plantação de tomate não, aí não. Vi muita fazenda de café e depois foram desmatando tudo e ainda falavam que a terra era pobre; e agora este tanto de agrotóxicos que usam, meu deus do céu! destroem tudo. Isso tudo é muito preocupante e eu não sei onde vai parar. Eu não sei se o preço do progresso é este; é progresso para poucos, desmonte para muitos, né?

E o Cerrado comparece também como cultura em minha obra, mostro com prazer a cultura do povo, as folias de reis, as congadas, as festas religiosas, a culinária, os monumentos, as igrejas. Eu não sou paisagista, mas também uso em algumas obras um ipê; no quadro da fazenda do pai do Ézio coloquei algumas árvores, tendo oportunidade eu uso. E agora, como descobri o jatubazeiro em “Sua alma, sua palma”, vou começar a usá-lo de vez enquanto nos quadros.

Você espera que estes quadros despertarão a curiosidade das pessoas para ler a obra de Bernardo Élis?

Este é um propósito muito grande. Eu vejo nas escolas que visito... eu vi que o povo não conhece autores goianos, não conhece quase nada da literatura goiana. Eu fui numa escola em que o José Mendonça Teles iria ser homenageado, pessoal falava para mim “quem é este homem?”. Eu fui para mostrar arte e eles aproveitaram para fazer uma homenagem ao José Mendonça Teles, mas eles não sabiam bem quem era ele. As próprias professoras não falavam. Acho que precisamos levar esta arte para as escolas. Eu tenho muita vontade de interpretar outras, e verei se nas próximas visitas às escolas mostro estes quadros inspirados na obra de Bernardo Élis. Para esta exposição, a sinopse que o Bento Fleury fez é muito importante. Tenho certeza que passarão muitas pessoas por ali que não leram os contos de Bernardo Élis, não sabem muito bem sobre este escritor goiano. Eu acho que isto vai trazer um certo interesse, eu fico feliz com algumas professoras que trabalho exatamente por isso, elas sinalizam esta deficiência e procuram apoio, buscam ajuda junto a artistas. Em compensação, já fui em escolas que as professoras falam para mim “olha, eu sou professora de arte, mas eu não gosto, essa não é minha praia”. Eu fico entristecida com estas coisas. Quando ocorrem, peço licença e fico com os meninos na sala falando dos quadros e tentando despertar a curiosidade e o interesse deles. Mas, por trás disso está a falta de valorização, a falta de investir no preparo do pessoal, na formação dos processos, no apoio à arte.

Finalmente, quero destacar que fico muito honrada em contribuir com a Quinzena Bernardo Élis. A gente mexe com cores, e mexer com cores é mexer com vidas. Eu adoro literatura popular e tentei trazê-la também para as cores que avultam minha obra. Eu acredito, então, que com essa exposição muita gente sairá querendo ler, buscando os livros, os contos de Bernardo Élis.

SOBRE OS ENTREVISTADORES

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Possui Pós-Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutorado e mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). É professor nos cursos de Graduação e Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Atual Coordenador do PPGEO-UEG. Editor Chefe da Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais (UEG). Coordena o Laboratório de Estudos do Ambiente e do Território (LEAT/UEG). Pesquisador dos Grupos de pesquisa e extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS) e Espaço, Sujeito e Existência. Foi da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - Seção Goiânia (2014 - 2015). Membro Titular, Cadeira 37, do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE). Atua especialmente no estudo e pesquisa dos seguintes temas: geografia e literatura; trabalho, ambiente e território; garimpo, implicações territoriais da mineração em grande escala e rede global extrativa do nióbio. (ricardo.goncalves@ueg.br)

Eguimar Felício Chaveiro

Possui Graduação em Geografia pela Pontífice Universidade Católica de Goiás (1987), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (1996), Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2001) e Pós-Doutorado em Saúde do Trabalhador pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/RJ). Atualmente é Professor Titular do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). É Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Espaço, Sujeito e Existência "Dona Alzira". Mantém parcerias de trabalho com instituições em Moçambique/África, Cuba, Chile e Alemanha. Coordena projetos de pesquisas financiados pelo CNPq, CAPES e FAPEG. Desenvolve trabalhos ligados à abordagem territorial do Cerrado; saúde, trabalho e território; cartografias existenciais de Pessoas com Deficiência; Geografia, literatura e arte. (eguimar@hotmail.com).